

EDUCAÇÃO E VERDADE: UMA ANÁLISE EDIPIANA A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT

EDUCATION AND TRUTH: AN OEDIPAL ANALYSIS FROM MICHEL FOUCAULT

¹LEMOS, Vinícius Cubero Valentim ; ²SILVEIRA, Carlos Roberto da; ³RIBEIRO, Evandro Luiz.

¹Graduando do Curso de Direito – Universidade São Francisco;

²Professor Doutor Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação - Universidade São Francisco;

³Professor e Mestre do Curso de Direito - Universidade São Francisco.

vinicius.lemos@mail.usf.edu.br

Resumo: Esta pesquisa de Iniciação Científica possui abordagem qualitativa, teórica e reflexiva. Teve por objetivo desenvolver uma análise sobre uma parte da obra de Michel Foucault, tendo por fundamentação principal, *A verdade das formas jurídicas*. A obra é composta de cinco conferências que introduzem uma visão Foucaultiana sobre a Verdade. Investiga-se, em especial, a segunda conferência, em que ele desenvolve o mito de Édipo, distante da visão psicanalítica, mas que se aproxima da questão de poder. O ponto de partida deste artigo é sobre a Educação, o saber e a verdade, ou seja, a *parrhesia* a partir da ideia de *paidéia*. Desenvolve-se em três seções. A primeira seção trata sobre a *paidéia*, a educação grega, na qual se atenta para o contraste entre os dois poetas gregos, Homero e Hesíodo, quanto às concepções sobre o caráter e a virtuosidade entre os gregos, ou seja a *areté*. Contudo, também é tratado a virtude da *parrhesia*. Na segunda seção, tem-se as técnicas jurídicas gregas, em que se busca a produção da verdade, isso através do desenrolar sobre o mito de Édipo. A terceira seção, possui a abordagem sobre a *parrhesia*, momento este em que se adentra às outras conferências de Foucault, que foram realizadas na Universidade da Califórnia, em Berkeley. A educação e a verdade naqueles tempos da *Paidéia* eram complementos da *areté*. Sabe-se que a verdade no Ocidente passou por várias transformações. No entanto, ao longo deste trabalho acredita-se que a *parrhesia*, possua traços fundantes que podem ser valorativos em nossa contemporaneidade.

Palavras-chave: Educação. *Parrhesia*. Filosofia. Verdade.

Abstract: This Scientific Initiation research has a qualitative, theoretical and reflective approach. It aimed to develop an analysis of part of the work of Michel Foucault, having as its main foundation, *The truth and juridical forms*. The work is composed of five lectures that introduce a Foucauldian vision of Truth. In particular, the second conference is investigated, in which he develops the myth of Oedipus, far from the psychoanalytic view, but which approaches the issue of power. The starting point of this article is about Education, knowledge and truth, that is, *parrhesia* from the idea of *paidéia*. This article is developed in three sections. The first section deals with *paideia*, Greek education, in which the contrast between the two Greek poets, Homer and Hesiod, is focused on the conceptions of character and virtuosity among the Greeks, that is, *areté*. However, the virtue of *parrhesia* is also treated. In the second section, there are the Greek legal techniques, in which the production of truth is sought, through the unfolding of the myth of Oedipus. The third section deals with *parrhesia*, a moment in which Foucault's other lectures, which were held at the University of California, Berkeley, are introduced. Education and truth in those times of *Paidéia* were complements of *areté*. It is known that the truth in the West has undergone several transformations. However, throughout this work, it is believed that *parrhesia* has founding traits that can be valuable in our contemporaneity.

Keywords: Education. *Parrhesía*. Philosophy. True.

INTRODUÇÃO

Este artigo é o resultado de uma Iniciação Científica, a qual foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Possui abordagem qualitativa, teórica e reflexiva.

Teve por objetivo geral desenvolver uma análise sobre uma parte da obra de Michel Foucault, tendo por fundamentação principal, *A verdade das formas jurídicas*. A obra é composta de cinco conferências apresentadas no Brasil, na PUC-Rio, por Foucault em 1973, em que introduz a sua visão sobre a Verdade. Por objetivos específicos, pretendeu conhecer e problematizar, em especial, a segunda conferência, em que ele desenvolve o mito de Édipo, distante da visão psicanalítica, mas que se aproxima da questão de Poder e dos Saberes. Aqui, o ponto de partida é sobre a Educação, o saber e a verdade, ou seja, a *parrhesía* a partir da ideia de *Paidéia* grega. Foucault ao fazer um mergulho em algumas obras gregas, ele ressurgiu com a ideia sobre a testemunha e o inquirido.

A primeira seção deste artigo, trata-se sobre *A Educação e o seu papel na cultura grega*, como intuito de compreender a ideia de *Paidéia*, a educação grega, a qual foi realizada um contraste entre os dois poetas gregos, Homero e Hesíodo, que desenvolveram a sua concepção sobre o caráter virtuosos dos gregos, assim como a virtude da *Areté*. Contudo, também é apontado sobre a virtude da *parrhesía*, em especial, em Hesíodo.

Na segunda seção *O enigma e a verdade em Édipo*, foi elaborada uma pesquisa sobre as técnicas jurídicas gregas, que buscavam a produção da verdade ao longo do mito de Édipo. Com isso, foi observado através das questões trazidas por Jean-Pierre Vernant, o qual se estruturou com base em Lévi-Strauss, na obra *Mito e tragédia na Grécia Antiga* os elementos sobre a genealogia de Édipo e sobre o “coxear” desse personagem de Sófocles.

Então, vemos que os helenos conseguiram Já na terceira seção *A verdade a partir de Foucault*, foca-se na abordagem sobre a *parrhesía*, só que neste momento, analisa-se partes das conferências de Foucault que foram realizadas na Universidade da Califórnia, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983. Trata-se sobre as condições da *parrhesía* e de como ela atua em conjunto com outras áreas, como a política, na pretensão de ser analisada e aplicada no “modo de vida”.

A partir do levantamento dos pontos sobre moral e verdade, foram desenvolvidas reflexões sobre como a *parrhesía* era empregada, sobre a sua relevância para com o indivíduo e a *pólis*, parâmetros sobre o comportamento humano, diante da moralidade, da ética, da construção de uma educação para a formação do homem grego. A História do Ocidente num retorno à Antiguidade Grega, possui profundas raízes em nossa educação, nos fundamentos míticos, éticos, morais, estéticos, políticos, justiça etc. Portanto, esta pesquisa de Iniciação Científica pretendeu de alguma forma conhecer um pouco mais sobre tais concepções e, com isso, compreender que atitudes desse passado, podem ser resgatados numa relação de conhecimento de si, de cuidado de si e, portanto, de cuidado dos outros numa relação de bem-comum.

DESENVOLVIMENTO

A Educação e o seu Papel na Cultura Grega

“A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual” (JAEGER, 2013, p. 3).

Ao olhar a civilização helênica, torna-se mais amplo o entendimento de suas características, enquanto uma *pólis*, pois a sua educação é uma premissa para que se entenda a sua história. Assim, pode-se dizer que era muito clara a noção que os gregos tinham sobre a formação do homem.

Os gregos glorificavam o homem como a mais importante criatura do universo; sua atitude era essencialmente laica e racionalista; exaltavam o espírito de livre exame e colocavam o conhecimento acima da fé; foi, em grande parte, devido a tais razões que exaltar sua cultura ao mais alto nível que o mundo antigo estava destinado a atingir (BURNS, 1986, p. 149).

Sobre a cultura grega da Antiguidade, cabe destacar que para os gregos, os deuses eram imperfeitos, tais como os humanos pois, também possuíam vontades, paixões, cometiam erros, relacionavam-se com os mortais e, por todos esses motivos, eram tratados em certa igualdade com os homens. Marilena Chauí (2000, p.30), declara que em comparação com os mitos de outros povos, como minóicos, cretenses, micênicos, algo de importante aconteceu entre os gregos, isso através dos *aedos* Homero e Hesíodo, que “retiraram os aspectos apavorantes e monstruosos dos deuses e do início do mundo; humanizaram os deuses, divinizaram os homens; deram racionalidade a narrativas sobre as origens das coisas, dos homens, das instituições humanas”.

Então, vemos que os helenos conseguiram desenvolver confiança nas suas atitudes, a partir da ideia da valorização do “homem” como princípio, o que permitiu que se voltasse para o aperfeiçoamento da cultura, da filosofia e da educação.

Convém lembrar que a Mitologia adentra um contexto complexo de explicação sobre os fenômenos da natureza, isso diante da condição humana, frente aos poderes fenomênicos incontrolláveis. Viver é encontrar respostas, para que o homem se situe no mundo e se construa. Carlos Roberto da Silveira (2011, p.1), no caminho de Ernest Cassirer, declara que o homem é um “animal simbólico”, quando “este interpreta e constrói o mundo interior juntamente com a realidade objetiva do mundo exterior”. Daí, as construções simbólicas advindas da relação do homem com o mundo, é que formaram os significados e a linguagem. Silveira aponta (2011, p.2), que:

Dessa forma, Cassirer defende que o universo humano deve ser perscrutado através do termo *animal symbolicum*, pois, a partir daí, abre-se uma imensa clareira para a compreensão da trajetória humana. De um modo geral, o mito, a arte, a linguagem, a religião e a ciência aparecem em formas de símbolos, não na forma de uma representação bruta, mas processada através de uma filtragem que a destila, cujo resultado gera o sentido próprio de um mundo significativo, o domínio do autodesdobramento espiritual em virtude da realidade concreta.

Assim sendo, a construção do mundo se amplia ao ser, quando aceita por uma comunidade, ou seja, pela maioria das pessoas que convivem em determinado local. No caso da *pólis* grega, esta se organizou em torno da população e da educação, a *Paidéia*. Werner Jaeger (2013, p.1) declara:

Todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual. Com a mudança das coisas, mudam os indivíduos; o tipo permanece o mesmo. Homens e animais, na sua qualidade de seres físicos, consolidam a sua espécie pela procriação natural. Só o Homem, porém, consegue conservar e propagar a sua forma de existência social e espiritual por meio das forças pelas quais a criou, quer dizer, por meio da vontade consciente e da razão.

Tais pensamentos coletivos traziam a todos, o sentimento de pertencimento à mesma *Pólis*, que era fundamentada em uma estrutura de educação que construía o cidadão grego, pois a educação era o que moldava a sociedade, desenvolvia a consciência e seus princípios. Para Jaeger (2013, p.2) o “[...] desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade [...]”.

Para que possamos compreender a educação grega, a *Paidéia*, é preciso desfazer a imagem que temos sobre a própria educação e, entender que embora de uma origem do período da Antiguidade, certos significados para “educação” adentraram a Idade Média na concepção cristã e perduraram ao longo da História do Ocidente e, perduram até a contemporaneidade. Pensar sobre a Educação no Brasil é pensar na colonização portuguesa “cristã”, que possui raízes helênicas advindas das mitologias e das filosofias.

Sendo uma construção temporal, a educação grega foi capaz de durante a sua história, adaptar-se e conseguir chegar a uma definição sobre a formação de um elevado tipo de homem, embasado no caráter heróico e virtuoso, na qual produziram uma espécie de beleza contida na vida verdadeira e virtuosa.

Essa virtuosidade tem por termo a palavra *Areté*, conceito utilizado para descrever a grandiosidade de um herói, embora não esteja interligada com a moral, e “quase nunca tem um sentido posterior ao ‘bom’” (JAEGER, 2013, p. 26), mas é um termo que se refere sobre um destaque de superioridade do indivíduo perante os outros da sociedade.

Como a raiz da palavra é a mesma, *areté* também é atributo próprio da nobreza. Senhorio e *areté* estavam inseparavelmente unidos. Assim, é fundamental informar que a aristocracia é um elemento constituído pela *areté*. Tratada por Homero, pois continha em si, a conjugação de nobreza e bravura militar; apesar do predomínio do seu significado como guerreiro (JAEGER, 2013). Era entendido como um modo, uma forma de viver de acordo com aquilo seria o correto, o “franco falar”, a coragem da verdade, sendo em si, a própria *parrhesía*.

A *parrhesía* era uma das qualidades morais e espirituais, pertencentes a essa virtuosidade, sendo assim, é possível identificar nas obras de Homero, a *Iliada* e a *Odisseia*, interlocuções com a educação heróica que se aludia à cultura grega.

A poesia homérica é uma vasta e complexa obra do espírito, que não se pode reduzir a uma fórmula única. Ao lado de fragmentos relativamente recentes que revelam um interesse pedagógico expresso, aparecem outras passagens nas quais o interesse pelos objetos descritos afasta a possibilidade de pensar numa segunda intenção moral do poeta (JAEGER, 2013, p.65).

Vale lembrar que para os gregos da Antiguidade, a *parrhesía* não era algo de fora, do exterior, mas sim do interior do homem. Além de ser um importante conceito e reflexão, era algo que se interligava com a verdade e o “modo de vida”. Por isso, integrava o cotidiano, a cultura dos gregos na *pólis*, ia além das peças de teatro, era encontrado na poesia, na escultura, na política, na arquitetura e, em especial, na Filosofia.

Ao se indicar as obras mais importantes que refletem a concepção de *Areté*, pensa-se na *Iliada* e *Odisseia*, duas epopeias de grande importância na História grega. Foram escritas por Homero, o poeta grego que viveu entre séc.VIII a.C. e VII a.C. Ele foi contemporâneo de Hesíodo¹.

Como a mitologia grega era uma sequência de acontecimentos que unidos formaram uma única e grande história. Aqui, será feito um pequeno recorte para compreender sobre a história da *Iliada*, a primeira a ser escrita e que retrata a história da Guerra de Troia, em que, pode-se observar o “modo de vida”, ou seja, o que constitui a *areté*.

A obra apresenta os fatos que levaram ao seu desfecho final, a guerra, tendo por início primeiro, o rapto de Helena². Helena era casada com Menelau, o rei de Esparta, mas foi seduzida por Páris³ com ajuda de *Afrodite*⁴.

Enquanto Menelau teve que se retirar para velar seu avô que havia recém-falecido, Páris, que estava visitando Esparta, aproveitou o tempo em que esteve a sós com Helena. Os dois, que já trocavam olhares contundentes entre si, deram liberdade para as paixões as possuíssem. Apaixonados, Páris convence Helena a fugir de Esparta com ele.

Desse modo, Menelau com ajuda de seu irmão, Agamemnon, em desejo de reaver a esposa que havia sido levada por Páris, convocaram todos os chefes das regiões para que honrassem o juramento que havia sido feito, o de proteger Helena.

Nessa convocação, foram até Ítaca a procura de Ulisses⁵, que não queria ir para a guerra que seria travada, pois não desejava deixar sua mulher e seu filho sozinhos. No encontro, tentou enganar Menelau e Agamemnon para evitar este compromisso. No entanto, foi desmascarado ao descobrirem a sua falsa loucura, ele foi obrigado a ir para a guerra e deixar sua esposa Penélope e seu filho recém-nascido, Telêmaco.

Toda essa história não é contada ou cantada na sequência, mas apenas em um dos cantos que preenchem a *Iliada*, totalmente fragmentada ao longo da obra.

Um outro personagem muito importante na história é o próprio Aquiles⁶, que também participou da Guerra de Troia. Ele tornou-se um personagem fundamental para a guerra, sendo um guerreiro esplendoroso que procurava a glória. Esteve à procura de sua *aristeia* nos campos de batalha, pois seria ele que enfrentaria Heitor nos campos de batalha. Sendo que, a “*aristeia* foi empregada mais tarde para os combates singulares dos grande heróis épicos” (JAEGGER, 2013, p.27), pois era um “esforço de uma vida inteira que os preparam para esse momento,

¹ Hesíodo foi um poeta grego que viveu na Grécia durante o mesmo período de Homero, suas obras mais famosas são *A Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*.

² “Filha de Zeus e de Leda, na epopeia homérica, tinha por pai ‘humano’ a Tíndaro e por irmãos os Dioscuros, Castor e Pólux, e uma irmã, Clitemnestra. Muito cedo, todavia, Helena tornou-se filha de Zeus e de Némesis” (BRANDÃO, 1986, p.117).

³ Páris ou Alexandre era filho do rei Príamo, Rei de Troia, com a Rainha Hécuba e irmão de Heitor.

⁴ “Vênus [Vênus é o nome adotado pela mitologia romana] (Afrodite), deusa do amor e da beleza, era filha de Júpiter e Dione” (BULFINCH, 2017, p.23).

⁵ Ulisses ou Odisseu, rei de Ítaca, muito reconhecido pela sua astúcia e sagacidade.

⁶ “Tétis, o mergulhará, quando criança, no Rio Estige, que o tornará invulnerável, exceto no calcanhar, por onde a mãe o segurava” (BULFINCH, 2017 p.568).

onde são lutas incessantes pela supremacia entre seus pares pela conquista do primeiro prêmio” (JAEGER, 2013, p.27).

Tal momento, a da *aresteia*, havia chegado para Aquiles, pois em frente aos portões de Troia, ele enfrentou Heitor em uma luta em que se observa, o que seria a grandiosidade para um herói. Nessa luta, Aquiles procurava o seu momento de glória.

No combate, quando Heitor arremessa sua lança em Aquiles e, ele se protege com o escudo, é neste momento que sem ter outra alternativa, ambos partem para um combate de espadas. Heitor, ciente do Herói que enfrentaria, proclama: “Agora foi o destino que me apanhou. Que eu não morra de forma passiva e ingloria, mas por ter feito algo de grandioso, para que os vindouros de mim ouçam falar” (HOMERO, 2021 p.609).

Logo, Heitor acaba sendo morto pela espada que lhe é cravada na região de seu pescoço. O confronto se encerra e Aquiles é o vencedor. Por desejo de vingança, o corpo de Heitor é amarrado em uma biga e arrastado em frente dos portões de Troia, para que seu pai, Príamo, e seu irmão Páris possam vê-lo, sendo humilhado. Assim, têm-se o exemplo de Aquiles como um bom representante da *areté* Homérica.

A *areté* que foi subscrita pelas ideias de Homero, estipula a glória através do conflito e astúcia, sendo concedida a honra ao guerreiro nobre; ou o próprio título de nobreza como já foi apresentado.

Contudo, existiu um outro poeta (*aedo*) contemporâneo de Homero, mas que trouxe um conceito diferente de *areté*, voltada ao trabalho. O *aedo* mencionado é Hesíodo que escreveu um dos cantos muitos famosos da época, chamado de *Os Trabalho e os Dias*.

Em *Os Trabalhos e os Dias*, existe um trecho específico condizente ao seu irmão Perses. Silveira (2011, p.6) aponta que:

Com a morte do pai, Perses suborna os juizes para beneficiá-lo quanto à divisão dos bens a serem herdados. O poema de Hesíodo (*Os trabalhos e os dias*) é dirigido a seu irmão Perses e a outros néscios, como os juizes. Mostra-lhes a maldição das injustiças, a benção da justiça por meio de imagens religiosas da cidade justa e injusta.

Assim, Hesíodo prejudicado na divisão da herança paterna, tenta alertar o irmão, visto que Perses promoveu conchavos ao subornar o juiz, em seu benefício. “Então, restou ao Hesíodo apelar e elaborar o conceito religioso do direito como ponto central da vida. Ouviu as Musas, clamou aos deuses, em especial à *Diké*, a personificação da Justiça, para que intercedesse entre os homens” (SILVEIRA, 2011, p.6).

Ainda segundo Silveira (2011, p.6), ao concordar com Lafer (2006, p.80), declara que: “A noção de *Diké* em Hesíodo, estabeleceu o início de um estado de pré-direito”. Portanto, o poema é uma coletânea de lições que Hesíodo faz ao irmão, sendo uma atitude muito ao contrário do que imaginamos fazer, quando alguém nos engana. Ele procurou ensinar ao irmão, de uma forma amável, em certo tom de paternidade, quais seriam os devidos valores. Ele trouxe o tema da justiça e da ponderância, contra a ganância perpetrada pelo irmão. Através de Hesíodo, tais conceitos também adentram às propriedades da *areté*, porém diferente da forma produzida por Homero, que situa a glória nos campos de batalha, a astúcia e a coragem. Para Silveira (2011, p.7),

Hesíodo buscou retomar a ordem entre os homens através do sistema religioso matriarcal muito ligado ao campo, às sementes, ao trabalho com a terra, com o plantio e colheita. Neste retorno à fraternidade, encontrou ajuda das Musas e pediu aos homens que honrassem as divindades maternas geradoras da vida.

Hesíodo apresenta a necessidade da honra, do respeito, da equidade, além de que é preciso esforço no trabalho cotidiano, a miséria é fácil de se chegar e não precisa de muito, mas o êxito no sucesso através do suor do trabalho árduo no campo é o difícil (JAEGER, 2013) e a sua grandiosidade está no esforço de trabalho honesto e honrado.

O trabalho é celebrado como o único caminho, ainda que difícil, para alcançar a *areté*. O conceito abarca simultaneamente a habilidade pessoal e o que dela deriva - bem-estar, êxito, consideração. Não se trata da *areté* guerreira da antiga nobreza, nem da *areté* da classe proprietária, baseada na riqueza, mas sim da *areté* do homem trabalhador, que tem a sua expressão numa posse de bens moderada (JAEGER, 2013, p 99).

Hesíodo cobra de seu irmão, a responsabilidade ao aconselhá-lo, pois a noção de justo de Perses é falha e, por tal motivo, havia cometido tantos erros. Para ensiná-lo é fundamentalmente necessário, o conhecimento sagrado. Aqui cabe os ensinamentos de Hesíodo que trará ao seu irmão o conhecimento da verdade cantadas pelas *musas*⁷. Jaeger (2013, p.100), escreve que Hesíodo convicto tenta educar e influenciar o irmão, pois “A primeira parte prepara a terra para a sementeira da doutrina da segunda. Arranca preconceitos e erros que se interpõem no caminho do conhecimento da verdade”. Portanto, interessa a verdade, enquanto justiça, justiça e equidade, respeito ao outro, numa relação fraterna de bem-comum. Cabe aqui, os versos de Hesíodo ao seu irmão:

Tu, ó Perses, escuta a justiça e o Excesso não amplies! O Excesso é mal ao homem fraco e nem o poderoso facilmente pode sustentá-lo e sob seu peso desmorona quando em desgraça cai; a rota a seguir pelo outro lado é preferível: leva ao justo; Justiça sobrepõe-se a preferível: leva ao justo; Justiça sobrepõe-se a Excesso quando se chega ao final: o néscio aprende sofrendo (HESÍODO, 2002, v. 203 ss.).

Assim, a virtuosidade em Hesíodo se entrelaça com a retidão, com a equidade, com a justiça, com a verdade e o direito, a atitude que se conquista pelo trabalho digno. Na próxima seção, discorreremos sobre o mito de Édipo e a sua elaboração sobre a verdade.

O Enigma e a Verdade em Édipo

Drão, o amor da gente é como um grão
Uma semente de ilusão Tem que morrer pra germinarPlantar n'algum lugar
Ressuscitar no chão, nossa sementeira
Quem poderá fazer aquele amor morrer
Nossa caminha duraDura caminhada pela estrada escura

⁷ "Filhas da deusa Memória e do deus Zeus. Elas são sábias e detêm o conhecimento do passado, presente e futuro. São dotadas de beleza, sensualidade e poder de sedução. Protegem os justos e aos injustos dão suas sentenças. Aos aedos revelam as verdades. São nove as Musas: Calíope, musa da poesia épica; Clio, musa da história; Érato, musa da poesia erótica; Euterpe, musa da poesia lírica; Melpômene, musa da tragédia; Polínea, musa da poesia sacra; Talia, musa da comédia; Terpsícore, musa da dança e do canto e Urânia, musa da astronomia" (SILVEIRA, 2011, p.6).

(GIL, 1982).

Édipo, ou *Oidípous*, foi um herói da mitologia grega. Enquanto bebê, teve seus pés perfurados, para que com uma corda, fosse pendurado em uma árvore e abandonado por todos que o conheciam. Foi abandonado pelos pais, pela sua cidade e por qualquer expectativa que tivesse de ser alguém, devido a uma profecia. Aquele que não havia feito nada a ninguém, teve seus pés perfurados, mas sobreviveu dando início a sua “dura caminhada”. “Escapa da morte, fica aqui na terra, mas é afastado, apartado de seu lugar normal, desviado ao longo de uma caminhada, que deixa em seu pé o vestígio de sua origem e, ao mesmo tempo, de sua rejeição”(VERNANT, 2014, p.184).

Jean Pierre Vernant (2014) concebe a sua reflexão de acordo com o olhar trazido pelo antropólogo Lévi-Strauss, que relata sobre esse traço comum dos Labdácidas, essa assimetria do corpo. Ele aponta que Édipo, dos pés inchados, teve uma trajetória diferente daquela que se destina há alguém que foi considerado coxo, um homem que antes mesmo de nascer, já era considerado um erro. Sendo descendente de coxos, seu destino não foi totalmente descoordenado, “Lábdaco [Avô de Édipo] é o coxo, aquele que não tem as duas pernas iguais, do mesmo tamanho ou com a mesma força; Laio [Pai de Édipo], é o dissimétrico, o torto, o canhestro; *Oidípous* [Édipo], aqueles que temo pé inchado” (VERNANT, 2014, p.178). Neste momento, Vernant não somente explica sobre a genealogia de Édipo, como também apresenta o avô e o pai, que também eram coxos.

Além disso, Vernant (2014) alude que na família de Édipo e em qualquer um que possua grande poder, o assunto que se sempre está entrelaçado com aquela figura, é o da sua ascensão, visto que a tirania sempre possui uma história e de como nenhum tirano se tornou o que é por premissa nenhuma, todos tiveram um acontecimento anterior que gerasse essa forma de pensar e de agir. Assim como em Édipo, todo resultado conquistado quando Rei, era remetido a tudo aquilo que ele havia passado, o abandono familiar, a tentativa de colocarem um fim a sua vida, a difamação por ser filho adotivo de Políbio e dentre outras situações.

Mas é de importante destaque o conceito de “coxear”, embora seja apresentado como características físicas, também possui a ideia com o caráter e esse é um dos assuntos que Vernant (2014) interpela em seu texto:

O coxear, quando um homem não anda ereto, a gagueira, quando um homem, coxeando da língua e não do pé, arrasta o passo de seu discurso e não projeta diretamente a trama ao ouvinte, o esquecimento, enfim, quando um homem não pode reatar o fio de suas lembranças dentro de si próprio - são marcas convergentes que o mito utiliza, ligadas aos temas da indisciplina e do mal-entendido, para exprimir defeitos, distorções ou bloqueio da comunicação nos diferentes níveis da vida social (VERNANT, 2014, p.180).

Contudo, será sobre esta “dura caminhada” que se desenvolve este artigo, sendo necessário fazer uma breve contextualização para que possamos compreender a tragédia de Édipo. O autor da obra, *Édipo-Rei*, Sófocles foi um dramaturgo que nasceu por volta de 400 a.C. na Grécia. Esta tragédia que ele escreveu, foi um pilar fundamental para que mais tarde fosse desenvolvido os estudos de psicanálise, chegando até ser tratado por alguns autores, como Sigmund Freud.

A obra grega que estamos mencionando, faz parte de uma trilogia: *Édipo Rei*; *Antígona* e *Édipo em colono*. Aqui, no contexto da temática a qual propomos, Foucault (2002, p.39) escreve:

A tragédia de Édipo é fundamentalmente o primeiro testemunho que temos das

práticas judiciárias gregas. Como todo mundo sabe, trata-se de uma história em que pessoas - um soberano, um povo - ignorando uma certa verdade, conseguem, por uma série de técnicas de que falaremos, descobrir uma verdade que coloca em questão a própria soberania do soberano. A tragédia de Édipo é, portanto, a história de uma pesquisa da verdade; é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas dessa época; é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

Convém atentar para esta tragédia que conta sobre um acontecimento na cidade de Tebas, governada pelo Rei Laio e a Rainha Jocasta, irmã de Creonte. Um lugar onde havia sido profetizado pelo próprio Oráculo, que o primogênito do Rei Laio iria ser o responsável pela ruína da cidade.

Com medo de que a profecia se cumprisse, Laio ordenou que Jocasta entregasse Édipo, ainda sendo um recém-nascido, a um pastor que deveria dar um fim a vida da criança, que já estava com os seus pés furados e amarrados. A ordem recebida era de levar o menino até o monte Citéron e deixá-lo sozinho naquela região.

A ordem foi abandoná-lo no monte Citéron (*Citáiron*) para morrer naquela região inóspita, na esperança de fugir assim à decisão divina. O pastor, entretanto, movido pela piedade, salvou a vida do filho de Laio e de Jocasta e o entregou a um companheiro de profissão, que costumava levar os rebanhos de Pôlibo (*Pôlibos*), rei de Corinto, às pastagens situadas no vale do Citéron. Esse pastor levou o menino, chamado Édipo em alusão a seus pés feridos e inchados (*Oidipous* = Pés Inchados), a seu senhor, o rei Pôlibo, que não tinha filhos e vivia lamentando-se por isso (SÓFOCLES, 2012, p.6).

Com isso, o pastor que recebeu a ordem de Jocasta, devido a piedade que sentia, decidiu entregar a criança para um outro pastor, este que trabalhava com o rebanho do Rei Políbio, da cidade de Corinto, o qual não podia ter filhos. Quando o Rei Políbio recebeu do pastor a pequena criança, criou como se fosse seu filho de sangue, escondendo dele a verdade sobre o seu nascimento.

Passou-se anos até que Édipo atingisse maturidade. Em um episódio da sua vida, ele foi zombado por um homem que estava embriagado, ele o chamou de filho adotivo de Políbio. Obviamente Édipo não imaginava essa situação, “[...] foi insultado por um habitante de Corinto, embriagado, que o chamou de filho adotivo. Diante dessa revelação Édipo se dirigiu sozinho a Delfos, para consultar o oráculo de Apolo (*Apôlon*) a respeito de sua ascendência” (SÓFOCLES, 1998, p.8-9).

Sua pergunta não foi respondida, mas da profecia ele foi avisado, de que ele mataria o seu próprio pai e se casaria com a sua mãe. Com medo que isso acontecesse, tentou fugir do seu destino, ao abandonar a cidade e seguir em caminhada para distante de seus pais..

Durante a sua jornada, no entroncamento de três caminhos, Édipo seguiu na trajetória para a cidade de Tebas, mas em um momento avistou um carruagem que vinha em sua direção. Nela estava um rei acompanhado de seus criados. Os criados ordenaram que Édipo desse passagem ao rei, que o chicoteou. Édipo em estado de fúria, matou o rei e os restantes dos guardas, apenas um deles conseguiu escapar.

Após este evento, seguiu a sua viagem até chegar na cidade de Tebas e encontra uma criatura conhecida pelo nome de Esfinge. Ela possuía metade do corpo como o de um leão e a outra metade como o de uma mulher. Proferia um enigma a todos aqueles que passassem por ela. O enigma havia de ser resolvido ou a pessoa seria devorada. O detalhe é que quem

resolvesse o enigma, seria o próximo rei de Tebas, pois já se sabia que rei havia sido assassinado e que eles precisavam de uma outra pessoa para assumir o trono.

Não haverá necessidade de minuciar a totalidade da obra, mas pode-se resumir que Édipo decifra o enigma, assume Tebas como rei e se casa com a rainha, que possuía um irmão com o nome de Creonte, um general da cidade. Decorrido um tempo, acontece de uma praga que assola a cidade de Tebas. Édipo como rei, se preocupa imensamente com o acontecimento e procura uma solução para esse problema.

Aqui termina a primeira parte e o drama maior começa, quando Édipo investiga uma maneira de acabar com a praga, pois é nesse momento que a “lei das metades” começa a se unir e a formar uma resposta.

A “lei das metades”, ou seja, a estrutura da tragédia de Édipo será introduzida por Foucault (2002, p.41), como sendo: “metades que se ajustam e se encaixam” e quando elas se juntam, a verdade se completa. Essa lei irá reger o mecanismo da produção da verdade e por causa dessa produção, torna-se em um instrumento de poder.

Um instrumento de poder, de exercício de poder que permite a alguém que detém um segredo ou um poder quebrar em duas partes um objeto qualquer, de cerâmica etc., guardar uma das partes e confiar a outra parte a alguém que deve levar a mensagem ou atestar sua autenticidade. É pelo ajustamento destas duas metades que poderá conhecer a autenticidade da mensagem, isto é, a continuidade do poder que se exerce. O poder se manifesta, completa seu ciclo, mantém sua unidade graças a este jogo de pequenos fragmentos, separados uns dos outros, de um mesmo conjunto, de um único objeto, cuja configuração geral é a forma manifesta do poder (FOUCAULT, 2002, p. 45).

Dessa forma, entendemos como é o funcionamento do “Símbolo”, a estrutura que busca a verdade, mas o que faz os seus mecanismos girarem é o conceito da “leis das metades”.

Esta é a técnica jurídica, política e religiosa do que os gregos chamam *sýmbolon* - o símbolo. A história de Édipo, tal como é representada na tragédia de Sófocles, obedece a este *sýmbolon*: não uma forma retórica, mas religiosa, política, quase mágica do exercício do poder (FOUCAULT, 2002, p.45).

Importante destacar que na segunda conferência de *A verdade e as formas jurídicas*, Foucault explica que há diversas formas de técnicas jurídicas que eram utilizadas na Grécia. Ele declara sobre o modelo de testemunho, o mesmo que havia sido utilizado na *Iliada*, numa corrida entre Menelau e Antíloco. Vejamos: “Os organizadores dos jogos tinham colocado neste lugar alguém que deveria ser responsável pela regularidade da corrida que Homero, sem o nomear pessoalmente, diz ser uma testemunha, *hístor* (ἵστωρ), aquele que está lá para ver” (FOUCAULT, 2002, p. 39).

Contudo, é relatado que neste evento não foi utilizado a testemunha, porém havia sido empregado um outro tipo produção da verdade, a produção através da “prova”.

Na história, Antíloco comete uma irregularidade, Menelau acusa-o, porém ele nega. Então Menelau lança um desafio a ele, o qual também é negado e com essa rejeição torna-se possível entender que realmente houve uma irregularidade, pois se fosse verdade ele não teria motivos para rejeitar. “Nesse momento, Antíloco, diante deste desafio que é uma prova (*épreuve*), renúncia à prova, renúncia a jurar e reconhece assim que cometeu uma irregularidade” (FOUCAULT, 2002, p.40). Entretanto, tudo isso trata-se do caso introdutório ao uso dos meios que produzem a verdade que Foucault aponta. Em seguida, avança-se sobre como Édipo teve a verdade produzida.

Quando Édipo começa a investigar as razões dos acontecimentos da praga na cidade de Tebas, ele manda questionarem o deus Apolo para que ele forneça uma resposta.

A resposta de Apolo, quando examinamos em detalhes, é dada em duas partes. Apolo começa por dizer: “o país está atingido por uma conspiração”. A essa primeira resposta falta, de certa forma, uma metade: há uma conspiração, mas quem conspirou, ou o que conspirou? Portanto, há necessidade de se fazer uma segunda pergunta a que é devida a conspiração (FOUCAULT, 2002, p. 41).

Então, na “primeira metade da verdade”, temos Apolo que aponta para o fato de ter ocorrido uma conspiração na cidade. Seguindo a lógica do pensamento de Foucault, quando é mostrado que houve uma conspiração, tem-se aquele que conspirou e aquilo que ele foi conspirado.

Édipo, que estava insatisfeito com a resposta, procura Creonte e, também o questiona sobre o motivo da conspiração, tendo como resposta, o fato de que houve um assassinato.

Édipo força Creonte a dar a segunda resposta, perguntando a que é devida a conspiração. A segunda metade aparece: o que causou a conspiração foi um assassinato. Mas quem diz assassinato diz duas coisas. Diz quem foi assassinado e o assassino (FOUCAULT, 2002, p.41).

Agora, qual assassinato é esse que causou a conspiração? E novamente é perguntado ao deus Apolo quem foi assassinado, este responde que foi o Rei Laio e, quando Édipo pergunta quem matou o rei, Apolo não diz. “Pergunta-se a Apolo: ‘quem foi assassinado?’ A resposta é Laio, o antigo rei. Pergunta-se: ‘quem assassinou?’ Nesse momento o rei Apolo se recusa a responder e, como diz Édipo, não se pode forçar a verdade dos deuses” (FOUCAULT, 2002, p. 41- 42).

Restando ainda algumas questões que ficaram em aberto, seria necessário preencher com as respostas verdadeiras. Édipo procura o famoso adivinho Tirésias, aquele que é reconhecido como alguém divino. Quando perguntado, ele responde que o assassino de Laio era o próprio Édipo “E, Tirésias responde a Édipo dizendo: ‘Foste tu quem matou Laio’”(FOUCAULT, 2002. p.42). Assim, obtém-se a outra parte da metade.

Na tragédia, conta que a verdade se completa quando, um pastor de Corinto tinha aparecido a Édipo com uma notícia de que seu pai havia falecido. De certa forma, ele estava aliviado por não ter sido ele quem o tinha matado, porém, este mesmo pastor avisa que Édipo não era filho de Políbio, ele sabe disso pois havia sido ele mesmo quem tinha entregue Édipo ao rei Políbio.

Completando a tragédia, aparece mais um pastor, aquele morava Citerão, o mesmo tinha pendurado Édipo pelos pés quando era uma criança, este veio avisar que tinha recebido Édipo do palácio de Jocasta. Com isso, ainda ficou faltando a confirmação de Jocasta sobre ter ou não entregue o seu filho para aquele pastor. Contudo ela já não estava mais presente naquela cena.

Rapidamente se constituiu o “jogo das metades” e, Édipo, sendo aquele que participou de quase todos os acontecimentos, uniu as peças que tinha e acabou formando a verdade.

Tem-se a verdade, já que Édipo é efetivamente designado pelo conjunto constituído das respostas de Apolo, por um lado, e da resposta de Tirésias, por outro. O jogo das metades está completo: conspiração, assassinato, quem foi morto, quem matou (FOUCAULT, 2002,p.42).

É necessário aludir que durante a obra *Édipo*, vê-se que ocorreram relatos de como Laio foi morto, assim, ele pode entender, com base nas suas lembranças, que tinha sido ele mesmo quem tinha matado o próprio pai.

Inicialmente é preciso estabelecer quem matou Laio. Isto é obtido no decorrer da peça pelo acoplamento de dois testemunhos. O primeiro é dado espontaneamente e inadvertidamente por Jocasta ao dizer: “Vês bem que diz o adivinho. A melhor prova disto é que Laio foi morto por vários homens no entroncamento de três caminhos”. A este testemunho vai responder a inquietude, já quase a certeza, de Édipo: ‘Matar um homem no entroncamento detrês caminhos é exatamente o que eu fiz; eu me lembro que ao chegar a Tebas matei alguém no entroncamento de três caminhos’. Assim, pelo jogo dessas duas metades que se completam, a lembrança de Jocasta e a lembrança de Édipo, temos esta verdade quase completa, a verdade do assassinato de Laio (FOUCAULT, 2002, p. 43).

Temos aqui a elaboração da verdade, sua construção realizada pelos pedaços perdidos durante a tragédia, os quais foram juntados e trouxeram a verdade até Édipo. Como vimos, esse é um dos modelos das técnicas jurídicas gregas, o “testemunho”, da mesma forma como o do “desafio”.

Foucault também desenvolve estudos sobre outras técnicas jurídicas na Idade Média, um assunto que foi tratado nas conferências seguintes, mas para este momento estas bastam.

Entende-se que a complexidade da obra é devido aos diversos testemunhos de pessoas que presenciaram diversas cenas durante a vida, que em algum momento, deu-se como possível unir todas essas partes e concluir que a profecia havia sido executada.

Como se toda esta longa e complexa história da criança ao mesmo tempo exilada e fugindo da profecia, exilada por causa da profecia, tivesse sido quebrada em dois, e todos esses fragmentos repartidos em mãos diferentes. Foi preciso esta reunião do deus e do seu profeta, de Jocasta e de Édipo, do escravo de Corinto e do escravo de Citerão para que todas estas metades e metades de metades viessem ajusta-se umas às outras, adaptar-se, encaixar-se e reconstituir o perfil total da história (FOUCAULT, 2002, p.44).

Cabe agora aludir sobre o pensamento lógico foucaultiano, o poder e a sua elaboração, usando como parâmetro a tragédia de Sófocles.

O poder de Édipo começa no próprio título da obra, *Édipo-Rei*, como diz Foucault (2002, p.48): “Édipo é o homem do poder, homem que exerce um certo poder. E é característico que o título da obra não seja *Édipo, o incestuoso*, nem *Édipo, o assassino de seu pai*, mas *Édipo-Rei*”.

Na primeira parte da peça, Édipo era aquele que havia sido abandonado e rejeitado, não possuía o mínimo poder, ou amparo de alguém. Mas ao longo do tempo, em momentos mais adiantes da peça, quando ele derrota a esfinge e assume a posição como rei, o próprio povo o chama de “nosso rei”. Agora ele está no auge do seu poder, a glória máxima que alcançou em sua vida.

É importante destacar a questão desses momentos de poder, pois é um dos pilares centrais. Quando Creonte discute com Édipo, o ponto que é colocado em pauta é em relação ao poder, de como Creonte procura tirá-lo de Édipo, mas em nenhum momento é discutido a culpa sobre o assassinato de Laio, ou sobre a profecia, mas sobre a perda do poder de Édipo.

Do mesmo modo, no momento em que o pastor avisa que ele não é filho de Políbio, não se passa na cabeça de Édipo que talvez ele seja filho de Laio, mas ele acredita que aquilo foi dito a ele para envergonhá-lo e desestabilizar o seu poder, mostrando como se ele fosse

inferior pelo fato de supostamente ser o filho de um escravo. Nas escritas de Foucault (2002, p.50), lê-se: "Esteve no ponto mais alto, quando se acreditava que fosse filho de Políbio e esteve no ponto mais baixo, quando se tornou um personagem errante de cidade em cidade". Édipo é o que "detém o poder, e mesmo de *týrannos*" (FOUCAULT, 2002, p.50). O sentido de quando dizemos tirano, não se pode confundir com a ideia habitual, uma vez que tanto Políbio quanto Laio também foram tiranos.

No pensamento de Foucault (2002, p.52), "tirano não é só caracterizado pelo poder como também é por um tipo de saber" ele era aquele que tinha um diferencial dos demais, e seria tanto o poder quanto o saber, "Era aquele que tomava o poder porque tinha ou fazia valer o fato de ter um certo saber, superior em eficácia ao dos outros" (FOUCAULT, 2002, p.52).

[...] o tirano, ao mesmo tempo igual ao deus e igual a uma besta feroz, encarna, na sua ambivalência, a figura mítica do coxo, com seus dois aspectos contrários: está além do andar humano, porque, rolando mais veloz e ágil em todas as direções ao mesmo tempo, ele transgride as limitações a que está submetido o andar reto, mas também está aquém do modo normal de locomoção, porque, mutilado, desequilibrado, vacilante, ele só avança claudicante, a seu modo singular, para melhor cair no final (VERNANT, 2014, p.198).

Segundo Michel Foucault (2002, p.52), através do *sophós* (Sabedoria), Édipo foi capaz de decifrar a esfinge, mas quando estava no auge do seu poder, ele ignorou a *dike* (justiça) um elemento primordial e assumiu que a sua vontade seria a lei da cidade, por isso deveriam obedecê-lo, acreditando que o *gnóme* (Conhecimento) era a melhor forma de comandar. Conclui-se aí que Édipo é um tirano, assumindo os modos e as características.

Toda essa estrutura é a formação grega, Sófocles conseguiu estipular muito bem os fundamentos jurídicos, as técnicas jurídicas, que os gregos desenvolveram, como o "inquerito" e o "testemunho".

Esta dramatização da história do direito grego nos apresenta um resumo de uma das grandes conquistas da democracia ateniense: a história do processo através do qual o povo se apoderou do direito de julgar, do direito de dizer a verdade, de opor a verdade aos seus próprios senhores, de julgar aqueles que os governam (FOUCAULT, 2002, p.58).

O modo de uma pessoa se opor a uma verdade, uma pessoa sem poder, que através das técnicas jurídicas tenha o direito de contestar uma verdade, que muitas vezes é imposta, é uma característica da sociedade grega daquela época. Observamos isso em *Édipo-Rei* ou até em *Antígona*, outra peça de Sófocles.

Com base no pensamento de Foucault (2002, p.58) a composição desse acervo de ideias, tem como premissa o desenvolvimento das "formas racionais da prova e da demonstração", as quais se constituem da filosofia, dos sistemas racionais e dos sistemas científicos, elementos esses que são as raízes do sistema de técnicas jurídicas. A partir disso surgiu e se desenvolveu a arte de persuadir, um método de convencimento através das palavras, de induzir a pessoa a sua verdade.

E devido a esses acontecimentos, foi desenvolvido os saberes através do testemunho, do "inquerito" e da "lembrança".

Houve na Grécia, portanto, uma espécie de grande revolução que através de uma série de lutas e contestações políticas, resultou na elaboração de uma determinada forma de descoberta judiciária, jurídica, da verdade. Esta constitui a matriz, o modelo

a partir do qual uma série de outros saberes- filosóficos, retóricos e empíricos - puderam se desenvolver e caracterizar o pensamento grego (FOUCAULT, 2002, p.58-59).

Com isso, devido a esse desentrelaçar do pensamento grego, entende-se que esse foi um dos avanços no universo jurídico, pois “O direito é um fenômeno histórico-social sempre sujeito a variações e intercorrências e refluxos no espaço e no tempo” (REALE, 2020, p. 14), logo, pela mutabilidade do Direito, decorreu de o pensamento grego servir de um dos pilares que sustentam toda essa estrutura.

A Verdade a Partir de Michel Foucault

Retomando a lógica na elaboração sobre a *parrhesía*, persiste-se em aludir sobre o que ela significa, pois em meio a esta pesquisa, foi analisado o desentrelaçar sobre a verdade e “algumas técnicas gregas” sobre como eram produzidas. Agora, reforça-se novamente sobre o “franco falar”, visto como uma virtude, na qual, tanto Foucault escreveu sobre este assunto.

Logo é “pela análise da noção grega de *parrhesía*, cujo significado originário é o de ‘tudo dizer’, ou ainda do ‘franco-falar’, da ‘liberdade da palavra’” (CHAVES, 2013, p.22).

Neste contexto, a relação é carregada por dois objetos, sendo o primeiro objeto “o falante”, o agente que profere ‘o falar’, e o próprio objeto de fala, sendo o segundo objeto, que é a verdade que foi proferida.

O eixo da estrutura é sobre aquele que fala e sobre o que ele fala, na ideia de que aquilo que foi dito é tanto a verdade que o falante assume, quanto a própria opinião dele.

Pois na *parrhesía* o falante torna manifestamente claro e óbvio que o que ele diz é a sua própria opinião. E ele faz isso evitando qualquer tipo de forma retórica que pudesse velar o que ele pensa. Ao invés disso, o parrhesiastes usa as palavras e formas de expressão mais diretas que ele puder encontrar. Enquanto a retórica mune o orador com dispositivos técnicos para ajudá-lo a prevalecer sobre as mentes de sua audiência (independentemente da própria opinião do retórico concernente ao que ele diz), na *parrhesia*, o parrhesiastes age sobre a mente das outras pessoas mostrando a elas, tão diretamente quanto possível, o que ele realmente acredita (FOUCAULT, 1983, p.4).

Nesse sentido, a questão da *parrhesía* e a sua conexão com retórica torna-se um outro ponto a ser levantado, pois com base no raciocínio desenvolvido por Foucault nas conferências em Berkeley, enquanto a *parrhesía* mostra sobre o que exatamente o sujeito pensa e acredita, de forma rápida e breve, sem a difícil elaboração de conceitos e argumentos, a retórica é o oposto, um tentativa de elucidar o ouvinte de uma forma convicta.

A retórica é o instrumento delicado e de difícil manuseio que se utiliza de técnicas para convencer e persuadir, do mesmo modo de como era utilizado pelos sofistas. Diferentemente da *parrhesía*, em que a sua grandeza está no fato de que ela é direta e simples, a sua beleza é mostrada pelo fato de que ela não se utiliza dessas técnicas para mudar a mente de alguém, ela é direta e reta.

É precisamente neste ponto, o das relações entre *parrêsia* e retórica, que dimensão filosófica, de início, vai se instalar. De fato, transportada para sua dimensão filosófica, a *parrêsia* já aparece na tradição socrático-platônica por oposição à retórica, tal como podemos acompanhar no *Górgias* platônico (CHAVES, 2013, p. 28).

Por isso, esse personagem, o *parrhesiasta*, é aquele que vive a sincera e pura relação com a *parrhesia*, ele diz aquilo que lhe convém dizer, não esconde de ninguém o que está em seus pensamentos, logo, mentir não está na concepção dele. “Aquele que usa a *parrhesia*, o parrhesiastes, é alguém que diz tudo o que tem em mente: ele não esconde nada, mas abre seu coração e sua mente completamente para outras pessoas através de seu discurso” (FOUCAULT, 1983, p.4).

Visto que ele não pode mentir, tudo que ele acaba dizendo é a verdade que possui naquele momento, seu depoimento é sincero e verdadeiro.

Um dos parrhesiastas mais importantes da história foi o próprio Sócrates. Aquele que decide viver em favor de suas convicções, da mesma forma de que ele morreu por elas. Viveu com a intenção de procurar incitar aos outros que pensassem sobre o “modo de vida” que levavam, isso através da *Ironia* e da *Maiêutica*.

Foi acusado por persuadir os jovens e corrompê-los. Sócrates foi considerado culpado pelo conselho da *polis*, que ofereceram a ele uma proposta de seguir com a vida, mas sem que ele continuasse ensinando e sendo ele próprio, ou aceitar a condenação, que era a pena de morte por envenenamento, sendo obrigado a beber cicuta e colocando um fim na sua própria vida. Silveira (2014, p.110-111) escreve:

Sabe-se que Sócrates (469-399 a.C.) dava pouco valor aos bens materiais, às convenções e às honrarias. Era um homem livre das invejas, da vaidade, dos arranjos e conchavos, da soberba das mesquinhas. Diante disso, talvez pudesse ser uma forma de justificar sua ignorância, pois de “nada sabia” e assim, era um ignorante, “um estranho à vida cotidiana” dentro de uma Atenas repleta de homens “ditos sábios”. Condenado por tais “sábios”, em sua apologia diante do tribunal popular dos helistas (399a.C.), ele declara que não fazia outra coisa senão persuadir a todos a não cuidar afoitamente do corpo, das posses e riquezas, mas “melhorar o mais possível a alma, dizendo-vos que dos haveres não vêm a virtude para os homens, mas da virtude vêm os haveres e todos os outros bens particulares e públicos” (PLATÃO, 1999, p.57). Era o seu ofício divino, ajudar a parir novas ideias através do método da *Ironia* e *Maiêutica*.

Sócrates era aquele que não se preocupava com o que era dito sobre ele, nunca se preocupou sobre manter um *status* ou empregar seu tempo de vida na conquista de posições na *Ágora*⁸. As acusações que foram ditas sobre ele, era uma prova daquilo que um parrhesiasta fazia, provocava os outros para dizerem a verdade.

Embora o papel de Sócrates seja tipicamente parrhesiástico, pois ele constantemente confronta os atenienses nas ruas e, como observado na *Apologia*, mostra-lhes a verdade, ordenando-os a preocupar-se com a sabedoria, a verdade e a perfeição de suas almas (FOUCAULT, 1983, p.12).

Assim, existem alguns traços da *parrhesia grega*, que de prévio momento observamos, adotamos o exemplo mais típico, o fato de que ela vem de baixo para cima. A *parrhesia* só é verdadeira quando ela é lançada de alguém que está em uma posição mais baixa em direção a quem está em uma posição mais acima. Na conferência na Universidade da Califórnia, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, Foucault (1983) cita o exemplo do filósofo e do tirano, visto que o filósofo é aquele que está na camada mais baixa, desprovido da capacidade

⁸ É o termo em grego para um espaço público em que se desenvolvia os debates.

de exercer qualquer modalidade de poder, possuindo somente as palavras e a influência que elas podem causar, diferentemente do tirano, que é aquele localizado no topo da cadeia hierárquica, lugar no qual é pouco desafiado por alguém e é por isso que quando o filósofo diz a ele que suas atitudes não são certas, que afetam a *pólis* e só favorece a ele, é nesse momento que é exercido a *parrhesía*.

Dizendo ainda sobre o exemplo que foi citado, a *parrhesía* utiliza como prova a coragem, pois é preciso de uma generosa porção de coragem para as atitudes *parrhesiastas*. Entendido isso, não existe *parrhesía* quando um pai censura o filho que está cometendo algum erro, mas ela existe quando aquele que se encontra na classe mais baixa se contrapõe em relação a aquele que está em cima, assim no caso do filósofo e do tirano.

Essa porção de coragem é a prova que mostra se a atitude é verdadeira ou não, pois para enfrentar aquele que está em cima, exercendo o seu poder, torna-se necessário acusar ou discordar de suas atitudes e de seus métodos.

Existe dificuldade em aludir sobre toda a importância da fala e de como ela também é o caminho sobre aquilo que dizemos, sendo o meio que nos abastece para que possamos expor a verdade a todos aqueles que procuram ouvir.

Na *parrhesía*, presume-se que o falante dê um relato completo e exato do que tem em mente, de modo que a audiência seja capaz de compreender exatamente o que aquele que fala pensa. A palavra *parrhesía* então se refere a um tipo de relação entre o falante e o que ele diz. Pois na *parrhesía* o falante torna manifestamente claro e óbvio que o que ele diz é a sua própria opinião. E ele faz isso evitando qualquer tipo de forma retórica que pudesse velar o que ele pensa (FOUCAULT, 1983, p.4).

Sendo este um tema que está descrito na obras *A coragem da verdade*, assim como na *Hermenêutica do sujeito*, ambas são de autoria de Michel Foucault e abarcam sobre a *parrhesía* e de como ela se interliga com o *cuidado de si*, ou como diriam *epiméleia heautoû*.

No quadro mais geral da *epiméleia heautoû* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral? É preciso que te ocupes contigo mesmo. É nesse âmbito, como que no limite desse cuidado, que aparece e se formula a regra “conhece-te a ti mesmo” (FOUCAULT, 2006, p.7).

De acordo com Foucault (1983, p.11), partindo dessa indignação, a *epiméleia heautoû* se apresenta neste instante, a preocupação consigo mesmo, na devida procura de estar-se aperfeiçoando num cuidado permanente de si. E o cuidado de si é uma cadeia de concepções, o conjunto de práticas que são feitas pelo homem e que afetam tanto a ele, quanto aos outros. Essa é a primeira ideia que Foucault elenca no início da *A hermenêutica do sujeito*, na aula 6 de janeiro de 1982. A segunda ideia que ele irá descrever é sobre a atenção, atenção que devemos dedicar aos nossos pensamentos, direcionar o nosso foco do exterior para o nosso interior, e com isso, dedicar-se consigo “o cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento. Há um parentesco da palavra *epiméleia* com *mélete*, que quer dizer, ao mesmo tempo, exercício e meditação” (FOUCAULT, 1983, p.12).

Na conclusão dessas três características, promovemos a explicar que a última se trata sobre atitude, não se limita simplesmente ao fato de dedicar a atenção a si próprio, mas de realizar certas práticas que permitem a *epiméleia heautoû*, no caso, o cuidado de si, são elas: “técnicas de meditação; memorização do passado; as de exame de consciência; as de

verificação das representações na medida em que elas se apresentam ao espírito etc.” (FOUCAULT, 1983, p.12).

O cuidado de si sempre foi tema de grande repercussão dentro dos temas tratados por Foucault, parte das conferências que ele realizou em Berkeley se trata apenas disso, assim como nas obras *A hermenêutica do sujeito* e *A coragem da verdade*, ambos os livros abordam sobre a *epiméleia heautoû* e sobre *gnôthi seautón*.

Com a noção de *epiméleia heautoû*, temos todo um *corpus* definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade (FOUCAULT, 1983, p.12).

A importância desta temática entrelaça-se com a relação do “conhece-te a ti mesmo”, com o “cuidado de si” e o cuidado com o outro”, atenções depositadas em nós mesmos, através de constituição de subjetividades que produzem as práticas de liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a “Educação e verdade”, através de “uma análise edipiana a partir de Michel Foucault”, foi a pretensão deste artigo, no sentido de conhecer as pesquisas realizadas por Foucault, em especial sobre *A verdade das formas jurídicas*, “Conferência 2” que envolve a *parrhesía*, partindo da tragédia grega de Sófocles sobre Édipo. Assim, esta pesquisa comportou três seções.

A primeira intitulada *A educação e o seu papel na cultura grega*, refere-se a ideia de educação grega, em que foi aludido sobre a formação do indivíduo e a sua construção em meio ao pensamento que era constituído pela sociedade da época. Por isso, como foco desta seção, perpassou-se a obra de Jaeger, ao elucidar o caráter de virtuosidade da educação grega, pois para eles a procura pela virtude não era o meio, mas sim o fim.

A segunda seção foi intitulada *O enigma e a verdade em Édipo*, pois parte-se para uma análise sobre a história de Édipo e toda estrutura que Foucault traz e dessa tragédia em sua elaboração sobre as técnicas jurídicas gregas, para com a produção da verdade. E por fim, a terceira seção, *A verdade a partir de Michel Foucault*, em que se estabelece sequência com o primeiro momento em que foi tratada a *parrhesía*, é nesta etapa em que neste artigo, buscou-se trazer os discursos de Foucault elaborado na Universidade da Califórnia, em Berkeley, ocasião na qual ele tratou sobre a *parrhesía* por diversos ângulos.

Em Berkeley, Foucault apresentou a *parrhesía* em conjunto com a política. Agora, imaginem que as duas andam juntas, a soma dessa relação teria concebido um fruto, que seria a própria ética. Naturalmente se alguém tem ética, não precisamos indicar o momento em que ela falta com a sua palavra, pois este indivíduo viveria de acordo com o seu discurso, a moral seria protagonista no seu juízo de valores. As palavras também não seriam simplesmente lançadas sem responsabilidades, existiria um peso maior em cada uma delas, essa responsabilidade do discurso e a sua existência, o modo de vida, no caso, estariam alinhados. Convém lembrar de Gilberto Gil (1982) quando, assim como um *aedo* “contemporâneo”, canta: “[...] Plantar n'algum lugar. Ressuscitar no chão, nossa sementeira. Quem poderá fazer aquele amor morrer. Nossa caminha dura. Dura caminhada pela estrada escura [...]” .

Certamente, assim como Édipo, somos muitas das vezes, “édipos coxos”, “coxeados” e enganados, mas em muitas ocasiões, optamos por deixar-se enganar pelo comodismo que os

engodos podem oferecer, cuja “caminhada dura”, pode-se tornar escura e cheia de inverdades. Cabe lembrar que no momento quando a verdade é revelada a Édipo, ele se revela nela, entende a sua origem e do que ele é formado como ser existente, diante do destino implacável, trágico, mas também diante de sua decisão. Assim, ao tomar a sua decisão, a verdade, a *parrhesía*, preenche o coração daquele que a procura.

AGRADECIMENTOS

Esclarecemos que este trabalho de Iniciação Científica foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Juanito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. 1. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1986.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. Trad. David Jardim Júnior. 26ª ed Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017

BURNS, Edward McNall. **História da Civilização Ocidental I**. Trad. Lourenço Machado e Leonel Vallandro. 28ª ed. Rio de Janeiro -RJ: Globo, 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo - SP: Ed. Ática, 2000.

CHAVES, Ernani. **Michel Foucault e a verdade cínica**. Campinas - SP: PHI LTDA, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes et al., Rio de Janeiro: NAU, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. Discurso e verdade: seis conferências dadas por Michel Foucault, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, sobre a *parrhesía*. Trad. Aldo Dinucci, Alfredo Julien, Rodrigo Brito e Valter Duarte. **Prometeus - Filosofia em Revista**. Ano 6 - Número 13 – Edição Especial - E-ISSN: 2176-5960.

GIL, Gilberto. **Drão**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil Ltda. 1982. Três minutos e dezesseis segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LAsAYoZ0aKs> Acesso: 17 jun. 2023.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Introd., trad. e comentários Mary de C.N.Lafer. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

HOMERO, **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço 1ª ed., São Paulo - SP: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: A formação do homem grego. Trad. Arthur M. Parreira. 6° ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

REALE, Miguel. **Lições preliminares de Direito**. 27° ed. São Paulo - SP: Saraiva Jur, 2002.

SILVEIRA, Carlos Roberto da. *As Deusas da justiça, os Homens e as vendas da injustiça*. **Theoria -Revista Eletrônica de Filosofia**. Pouso Alegre. Volume 03, Número 07. Ano de 2011. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/edicao0711/asdeuseasdajustica.pdf>

SILVEIRA, Carlos Roberto da. A Educação Socrática como “Modo de Vida”: a Imagem do “Cuidado de Si” na Beleza Poética do Sátiro. **Revista Horizontes**. Itatiba. Volume. 32, Número. 2, p.109-119, jul./dez.2014. Disponível em:

<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/180>

SÓFOCLES. **Trilogia Tebana**. 8ª ed., trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro - RJ: Zahar, 1998.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e tragédia na Grécia Antiga**. Trad. Bertha Halpern Gurovitz e HelioGurovitz. Ed. 2°. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Publicado em 18/12/2023